



DL-01

Ses. Esp. 07/04/11

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a sessão especial proposta pelo nobre deputado deputado Yulo Oiticica, Líder do PT, com o objetivo de debater o tema da Campanha da Fraternidade de 2011: Fraternidade e a Vida no Planeta.

Convido para compor a Mesa o deputado Yulo Oiticica, proponente desta sessão (Palmas); o bispo D. Murilo Krieger, arcebispo de Salvador e primaz do Brasil (Palmas); o Sr. Deputado Federal Nelson Pelegrino, coordenador da Bancada da Bahia (Palmas); o Sr. José Carlos de Almeida, Magnífico Reitor da Universidade Católica do Salvador (Palmas); a Sr^a Ariselma Pereira, diretora da Fundac (Palmas); o Sr. Professor Marco Antônio Tomazoni, da Universidade Federal da Bahia (Palmas); o Sr. Professor, especialista em Urbanização, Clímaco Dias, do Departamento de Geografia da Universidade Federal da Bahia (Palmas); o Sr. Renato Cunha, coordenador do Grupo Ambientalista da Bahia - Gambá (Palmas); e o Sr. Adilson Bonfim Sousa de Aquino, coordenador geral do Sindae. (Palmas)

Registro as presenças do deputado Reinaldo Braga, Líder da Minoria nesta Casa, deputado; do deputado Rogério Andrade; e do deputado José de Arimatéia. (Palmas)

Assistiremos a apresentação do Hino da Campanha da Fraternidade pelo grupo religioso Fraternidade Javé Shammá.

(Apresentação musical.)



0490-I

Ses. Esp. 07/04/11

Or. Yulo Oiticica

Campanha da Fraternidade 2011: “Fraternidade e a vida no planeta.”

O Sr. PRESIDENTE (Marcelo Nilo):- Concedo a palavra ao nobre deputado Yulo Oiticica, Líder do PT e proponente desta sessão.

O Sr. YULO OITICICA:- Boa-tarde a todos e a todas. Esta Assembleia Legislativa recebe todos de braços abertos, como tem de ser. Esta é a Casa do Povo, e para cá são enviados todos aqueles que os baianos escolhem para representá-los.

Inicialmente, Dom Murilo, quero parabenizá-lo, de modo especial, pelo texto que o senhor nos deu de presente no último domingo, no jornal *A Tarde*. E respondo agora a sua pergunta feita no título desse texto: é claro que o senhor pode entrar. O senhor é muito bem-vinda ao coração de todos nós baianos e baianas.

Como deputado coordenador da bancada católica desta Casa, quero louvar a deferência da sua vinda a este Poder neste momento de um debate tão importante. Na verdade, um debate que demonstra, mais uma vez, a coragem da Confederação Nacional dos Bispos do Brasil de trazer para todos nós, neste período da quaresma, temas tão relevantes, tão atuais, tão polêmicos.

Então, como coordenador da bancada católica, como membro desta Assembleia Legislativa, Casa baiana de produção de ações na perspectiva do pagamento das dívidas sociais históricas do nosso País, deixo aqui os nossos parabéns à CNBB por sua coragem profética de trazer este debate.

Quero saudar e agradecer ao presidente deputado Marcelo Nilo por sua presença. Sei que está com uma agenda intensa, que começou às 7h da manhã com reuniões importantes, sucessivas, para definir espaços de produção e de ação junto com o Executivo do Estado. Mesmo assim fez questão de estar aqui para abrir esta sessão e presidi-la.

Saúdo mais uma vez Dom Murilo Krieger, afirmando que é um prazer para todos nós tê-lo aqui. O senhor dizia no seu texto do domingo que os baianos estavam diante de um



futuro baiano. Não tenha dúvida de que aquele “pode entrar” que lhe respondemos é exatamente para que o senhor conheça verdadeiramente os santos, encantos e axés da Bahia. Enfim, essa diversidade de fé e de espiritualidade que faz com que a Igreja Católica exerça um papel tão importante na vida, na história e no coração de todos nós baianos e baianas.

Também saúdo o nosso deputado Nelson Pelegrino, que é o Líder da nossa Bancada na Câmara de Deputados, parabenizando-o, pois na semana passada fez também uma audiência pública como esta, discutindo na Câmara a Campanha da Fraternidade. O Sr. Dr. José Carlos de Almeida, nosso Magnífico Reitor da Universidade Católica do Salvador, parabenizando a resistência e o papel importante da Universidade Católica da nossa cidade, a Sr^a Ariselma Pereira, nossa diretora da Fundac, bem-vinda, única mulher à Mesa, portanto uma mulher de grande estatura para estar no meio de tantos homens representando todas as mulheres aqui presentes, o Sr. Marco Antônio, professor da UFBa, que tem feito um trabalho importante nesse debate, não só nos nossos dias, há bastante tempo, o professor Clímaco Dias, do Departamento de Geografia da UFBa, especializado em Urbanização, O Sr. Renato Cunha, coordenador do Grupo Ambientalista da Bahia, Gambá, o Sr. Adilson Bonfim Souza de Aquino, coordenador do Sindae, quero iniciar o meu pronunciamento fazendo alguns questionamentos tendo em vista que esta é uma sessão especial, portanto um debate aberto, um debate público em que poderemos não só colocar as nossas posições como também debater sobre este tema tão importante.

(Lê) “O futuro é inevitável? É a nossa primeira pergunta. Alguém, talvez, sem pensar muito, de bate pronto, questione:

Como não?! É claro que o futuro é inevitável. O futuro acontece independente de nós, independente do que fizemos.

Se for assim, o que tiver de acontecer acontece independentemente do que fizemos, então é preferível não fazer nada, não cuidar de nada e gozar apenas o prazer do momento.

Mas vamos pensar mais um pouco, porque, talvez, a resposta seja não. O futuro não é inevitável. Ao menos para a humanidade o futuro pode não ser inevitável, porque o inevitável futuro, talvez, seja um futuro sem a humanidade. E os questionamentos que a



Campanha da Fraternidade faz este ano é se haverá para nós futuro, se haverá vida no planeta.

Então, talvez, a próxima pergunta não seja se o futuro é inevitável. Talvez, a próxima pergunta seja se o futuro é necessário. Se a resposta for sim, o futuro é necessário, então temos que fazer mais uma pergunta e a partir desta pergunta quero reiniciar o meu discurso. O que faremos para torná-lo (o futuro) possível? O que faremos para salvar a vida no planeta, especialmente, a vida humana no planeta?

A Campanha da Fraternidade orienta: mobilizem, proponham e denunciem. É o que nós, agora, estamos pondo em prática, nesta sessão especial, assim como em todos os anos...”

Dom Murilo, nesta Assembleia Legislativa abrimos este debate, impulsionados pelo entusiasmo da CNBB e da Campanha da Fraternidade.

(Lê) “(...) Estamos aqui para renovar e recuperar a nossa esperança ou como diz o poeta renovar a nossa 'fé na vida, fé no homem, fé no que virá'.

Recuperar a esperança significa, neste contexto, alterar o estatuto da espera, tornando-a simultaneamente mais ativa e mais ambígua, porque a esperança não reside no princípio de quem aguarda o futuro.

A esperança reside antes, na possibilidade de criar novos campos de experimentação social onde seja possível resistir localmente sem perder a ternura de quem reconhece os avanços, mas sabe que precisa ir mais além.

E ir mais além significa neste momento crescer de maneira ambientalmente sustentável. Por isso, os problemas ambientais são reais e debatidos há muito tempo por nós brasileiros. Nunca negamos essa problemática, ou, pelo menos, nunca antes na história deste país ocorreram tantos debates para encontrar uma equação que pudesse reunir numa única conta crescimento econômico e desenvolvimento sustentável.

Desde 2003, o Brasil resolveu promover um novo debate sobre crescimento econômico e desenvolvimento sustentável. E qual é a diferença de ontem e hoje? A diferença é que todos nos propomos a falar a verdade. O Brasil teve a coragem de expor o conflito de classes entre os países pobres e ricos, os países desenvolvidos e emergentes.



Nós admitimos que a sociedade é dividida em classes sociais, em frações e extratos de classes que aparecem como classes de rendas, entre ricos e pobres, entre mega-corporações e o trabalhador comum.

Nós expusemos o grande capital ao implodir a ideia de que o desenvolvimento e o progresso são atribuídos apenas aos detentores de capital, e que a maioria trabalhadora só recebe os 'frutos podres' do progresso, que não tem acesso a educação, saúde, moradia, equipamentos, informação, além de serem tidos como os mais responsáveis pela poluição e depredação das riquezas naturais.

Parece absurdo, mas, a verdade é que a classe trabalhadora e os países mais pobres ou emergentes são responsabilizados pelo lado B do progresso, o lado perverso do progresso, o lado negativo do progresso. Mas, se tiver alguém aqui que não acredite que há uma conspiração dos países ricos contra o crescimento dos países pobres, vale a pena, mais uma vez, revisitar a história.

Em 1962, diz a ONU:

Os recursos naturais são vitais para o desenvolvimento econômico, mas o desenvolvimento econômico nos países menos desenvolvidos poderia pôr em risco os recursos naturais. Ou seja: nós não podemos usar os nossos recursos naturais, porque nós não podemos crescer. Nós – prestem atenção – os pobres.

Os países pobres põem em risco as riquezas naturais, embora já fosse conhecido que o maior uso e abuso das riquezas naturais ocorriam nos países do centro do sistema. Os países ricos, os países desenvolvidos.

Agora vejam o que diz a proposta do Clube de Roma na Conferência do Meio Ambiente, em 1972.

O Clube de Roma propôs que os países pobres não crescessem e que a preservação dos recursos naturais só poderia ser obtida com o uso de alta tecnologia sob a proteção dos países ricos. Ou seja, Padre Franco, meus irmãos e irmãs: os países ricos vão proteger os países pobres deles mesmos.



No mesmo ano, em Estocolmo, a 10ª Conferência da ONU sobre Meio Ambiente apontava a preocupação internacional com o desenvolvimento e o esgotamento de recursos. Até aqui tudo bem.

Mas o foco do debate aparecia sempre como um conflito entre países, camuflando os interesses das corporações internacionais na implantação de indústrias poluentes e exploração de recursos naturais nos países da periferia do sistema. Mais uma vez, os países pobres.

A maior homenagem que se pode fazer a um intelectual é reconhecer a atualidade e fecundidade permanente do seu pensamento. Vem bem a calhar, desta forma, o caso do economista Celso Furtado que adverte, no plano político, que num país ainda em formação, como é o Brasil, a predominância da lógica das empresas transnacionais, na ordenação das atividades econômicas, conduzirá quase necessariamente a tensões inter-regionais, à exacerbação de rivalidades corporativas e à formação de bolsões de miséria, tudo apontando para a inviabilização do país como projeto nacional". Isso ainda nos 50, como membro da Comunidade Econômica para a América Latina.

E o que o governo Lula fez para superar esses dilemas: primeiro, criou e fortaleceu "centros soberanos de decisão", capazes de definir prioridades estabelecidas por nós; segundo, construiu essa soberania baseada no potencial da cultura brasileira; e por fim, em terceiro lugar, fez com que a ideia de formação de um país se fizesse pela vontade de todos e que a partir desta força pudéssemos transformar a agenda das prioridades nacionais, colocando 0 NOSSO PROJETO DE BRASIL EM CURSO.

Mas, antes do governo Lula veio o governo de Fernando Collor de Mello, que em 1992, no Rio de Janeiro, promoveu e recebeu a 2ª Conferência sobre Meio-Ambiente e Desenvolvimento (CNUMAD). Na época foi publicado o Relatório "Nosso Futuro Comum", que RESULTOU NA ASSINATURA DA AGENDA 21, utilizando o desenvolvimento sustentável como meta a ser atingida, mas, apenas no futuro. E, qual é o grande problema deste relatório da ONU? 0 problema é que a Agenda 21 não explica quando será o futuro e para quem haverá futuro.

Nós, no Brasil, decidimos que o futuro é agora.



Nós, brasileiros, compreendemos que a palavra meio ambiente significa entender as relações entre as pessoas e a natureza, sem perder a capacidade de pensar no desenvolvimento como liberdade e direito.

Por isso, enquanto os países ricos e até mesmo alguns emergentes dependem predominantemente do carvão, do gás e do petróleo, além de tentarem vender a falsa ideia de que desenvolvimento econômico dos países pobres está atrelado automaticamente a degradação ambiental, o Brasil provou que a maior expansão econômica já registrada no país não vem acompanhada da degradação ambiental. Não vem acompanhada, sobretudo, do desflorestamento e de maior emissão de dióxido de carbono.

Ou seja: nós provamos que é possível crescer de maneira ambientalmente sustentável e que o desenvolvimento não é o algoz do meio ambiente. O Brasil vem mostrando o caminho para a humanidade.”, fruto do grande debate governo e sociedade civil.

“De um lado, o Brasil tem avanços em termos da matriz energética limpa, com forte presença de fontes renováveis, redução do desmatamento e elevação das reservas ambientais.” Que pese ainda, tão alto, o índice de desmatamento em nosso País.

De outro, a substituição da energia não-renovável por renováveis em setores econômicos fortemente emissores de dióxido de carbono, como o de transporte e indústria.

É o caso, por exemplo, do Parque eólico baiano, no município de Brotas de Macaúbas.”

Quero aqui Dom Murilo Krieger, fazer também uma homenagem ao nosso querido Dom Luiz Cappio, esse que tem sido um herói da resistência pela preservação do meio ambiente, que, sem dúvida, homenageia a todos nós brasileiros ao voltar da Alemanha e receber o prêmio de direitos humanos internacional do Instituto Cante, instituto que premia, a cada dois anos, uma autoridade do mundo por prestar serviços relevantes. E Dom Luiz, sem dúvida, representando todas as lutas, todos os brasileiros e brasileiras que lutam pelo meio ambiente, esse que teve a coragem de, inclusive, em duas vezes manifestar o seu repúdio à degradação do meio ambiente, fazendo greve de fome, portanto penalizando o seu corpo físico, exatamente para honrar os seus e os nossos ideais em defesa do rio São Francisco, do meio ambiente. D. Luís, que hoje... (palmas) Essas palmas para D. Luís são mais que



merecidas, porque esse profeta, no meio de nós, tem a coragem, D. Murilo, de recontar a história do sertão da Bahia, de modo bem especial, de Brotas de Macaúbas, de Buriti do Alho, comunidades daquela cidade onde foi brutalmente assassinado um filho daquela terra, Zequinha e o filho do Brasil Lamarca, que lá foram brutalmente assassinados em nome da liberdade e da democracia em nosso País. D. Luís Cappio, já faz alguns anos, criou a romaria dos mártires, que vai até a árvore, onde hoje está fincada uma cruz, no lugar onde foi brutalmente assassinado Lamarca pela ditadura militar.

Portanto é D. Luís também um nobre brasileiro, do alto clero da nossa Igreja, que também pretende recontar a história na perspectiva de colocar os heróis onde devem estar.

Mais ainda, não só em Brotas de Macaúbas, mas também na cidade de Novo Horizonte, e em Seabra instaladas essas bases, já em funcionamento.

(Lê) “Ou o exemplo do Gasoduto de Integração Sudeste-Nordeste, o Gasene, no município de Itabuna, implantado pela Bahiagás, para comercialização do GNV, potencializando a interiorização do combustível limpo na região sul do estado.

No Brasil, a maior parte da oferta energética é constituída por fontes renováveis, principalmente decorrentes do uso da água, que respondem por 77% da oferta de energia do país. Enquanto no mundo as fontes renováveis de energia respondem por somente 13% da oferta energética, no Brasil ela se aproxima dos 50%.

Para além de possuir uma das matrizes energéticas mais limpas do mundo, o Brasil vem substituindo fontes agressivas ao meio ambiente por outras renováveis. Em 2005, o carvão vegetal e a lenha responderam por menos de 12% da oferta energética do País, enquanto em 1970 representavam quase 50% da oferta de energia nacional.

Reduzimos o consumo de lenha e carvão e aumentamos a oferta de energia elétrica através do bagaço da cana-de-açúcar e do álcool etílico. Infelizmente, cresceu o uso dos derivados de petróleo.

Em grande medida, o aumento no uso do petróleo está relacionado à opção do transporte rodoviário em oposição às ferrovias e ao uso fluvial.

Mas, também estamos alterando o paradigma do transporte público no Brasil. Infelizmente, Salvador, anda na contramão do restante do país.



A Companhia Brasileira de Trens Urbanos (CBTU) vem desenvolvendo um Veículo Leve sobre Trilhos (VLT) como "trem padrão nacional" desde 2005.

Amplamente utilizados na Europa, Ásia e Estados Unidos como solução para o transporte de passageiros, os VLT em versão nacional estão em implantação em Recife, Fortaleza, Natal e Maceió. Enquanto isso, Salvador decide ser diferente das demais cidades brasileiras, optando pelo sistema anacrônico do BRT, nome sofisticado para o velho e bom corredor de ônibus.

Recusamos um sistema que usa materiais menos poluentes e que é tracionado por meio de energia elétrica ou motores a combustão e sistema de transmissão dinâmica. O VLT trafega tanto em um corredor de via férrea como em meio de tráfego rodoviário urbano, com uma capacidade de transporte de pessoas equivalente à de dez ônibus. É inegável que o VLT é mais vantajoso que o BRT.

Mas, infelizmente, Salvador insiste na contramão.

Para vocês terem uma ideia do que significa o transporte de ônibus no Brasil prestem atenção nesses dados que vou apresentar. Entre 1970 e 2005, por exemplo, o transporte rodoviário foi responsável por cerca de 50% do consumo final de derivados de petróleo.

Ou seja: as indústrias brasileiras reduziram a sua participação de 24,1% para 13,8%. E o trabalhador brasileiro, em suas casas também: de 7,2% para 6,8%. No fundo no fundo, percebemos que a emissão de gases poluentes no Brasil é causada mais pela falta de vontade política do que pelo uso indevido dos homens e mulheres comuns deste país.

Mas, se no âmbito internacional percebemos que os interesses das corporações internacionais estão ocultos nos bastidores da ONU - também é perceptível que há interesses escusos ligados ao setor de transporte em Salvador, que usa discurso da Copa do Mundo de 2014 para empurrar a população de Salvador o BRT bancado pelos empresários de transporte da capital.

Por fim, amigos e amigas, companheiros e companheiras, preciso registrar o maior dilema ambiental brasileiro: a reforma agrária, tema que a Conferência Nacional dos Bispos



do Brasil (CNBB) teve a coragem de abordar e enfrentar, colocando em debate a expansão do agronegócio no país.

Há questões que só podem ser tratadas, debatidas e vividas com paixão, com forte envolvimento pessoal e a partir de trincheiras bem demarcadas. Paixão e razão não são termos necessariamente opostos de uma mesma equação, mas não raramente a manifestação de um é tão forte e dominante que anula o outro.

Reforma agrária, agricultura familiar e o agronegócio permanecem bem divididos.

Essa categoria de assuntos candentes e apaixonantes, que envolvem os interlocutores em uma teia de interesses, ideais e emoções tão densas a ponto de, em muitos momentos, anular o espírito crítico e inviabilizar a própria dialética, que desde Sócrates é um dos fundamentos do pensamento humano.

Corajosa, a CNBB não foge das mil questões polêmicas que cercam o assunto. Séria, a CNBB não se esconde em posições dúbias, nebulosas, atitude infelizmente comum em alguns meios.

Em nenhum momento renuncia à paixão e ao engajamento suscitados pelos temas e realidades abordadas. Honesta, a CNBB deixa claro seu propósito de defender a tese de que é necessário apoiar a agricultura familiar e o processo de reforma agrária como passos indispensáveis para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Mas é preciso reforçar que o padrão de produção agrícola prevalecente hoje no Brasil, de longe, é um dos mais nefastos da história, na medida em que seus baluartes defendem, basicamente, como a senadora Kátia Abreu (DEM), o descumprimento da função social do imóvel rural, a concentração fundiária, a utilização inadequada dos recursos naturais e a degradação ambiental baseada na monocultura e na agroquímica.

São apostas da política agro-exportadora defendida pela bancada rural, liderada por uma figura que há poucos dias esteve em Salvador e, em palestra na Associação Comercial da Bahia, defendeu a expansão de culturas como soja, cana de açúcar, eucalipto e pastagens para a pecuária extensiva, tendo como limite, de um lado, o oceano Atlântico, e, de outro, a cordilheira dos Andes.



É um absurdo ainda tolerarmos a defesa de um padrão concentrador da propriedade, da renda, da riqueza e do Poder político, que promoveu a expulsão da população camponesa e o inchaço das cidades, provocando graves impactos ambientais e a destruição de ecossistemas, além de trabalho escravo, e vale lembrar, Padre Felipe, e se há ainda trabalho escravo, se há escravos no campo, também ainda existe senhores de escravos, e as nossas leis precisam punir os senhores de escravos, que fazem ainda do monopólio do uso da terra e mantêm o trabalho escravo em nosso País.

Mas, se não bastasse uma bancada ruralista para defender um novo Código Florestal, ainda assistimos boquiabertos o parecer do relator e deputado federal Aldo Rebelo, que reforça esse padrão de produção agrícola, sobretudo ao anistiar os crimes ambientais cometidos até julho de 2008, ao permitir os transgênicos-, que ainda não há pesquisa científica que possa dizer o que eles provocam ou danos que possam vir a causar-, ao permitir a possibilidade de compensação da reserva legal fora da região ou da bacia hidrográfica, entre outras medidas.

Para a reforma agrária, a meu ver, e se eu estiver enganado me corrijam os companheiros da Pastoral da Terra e do Movimento de Libertação dos Sem Terra (MLST) aqui presentes, o companheiro Jutai Moraes e o companheiro Arruti Baqueiro, o mais pernicioso neste novo Código Florestal é no tocante à anistia dos crimes ambientais.

Áreas que não cumprem a função social e, de acordo com a Constituição, deveriam ser desapropriadas e destinadas para os trabalhadores rurais sem-terra, continuarão concentradas em grandes latifúndios, livres de qualquer aperto pela degradação ambiental que até então cometeram. É castigar o planeta e a sociedade à sanha do mercado, legitimando o desmatamento já realizado, e tantos que ainda, por conta dessa legislação que o possibilita, ainda irão acontecer, abrindo fronteiras agrícolas sobre as florestas e áreas de preservação ambiental.

A mudança da relação de trabalho, renda, alimentação, desenvolvimento econômico e social do País, passa necessariamente pela democratização da terra. Neste horizonte utópico não estão usinas de açúcar e álcool, monocultura, transgênicos e mecanização do campo. Neste horizonte utópico estão a policultura, a geração de postos de



trabalho no campo e a agricultura orgânica. Está o acesso do povo a terra, direito fundamental negado desde o descobrimento.

A Carta aos Hebreus faz a seguinte afirmação: 'Nós não temos aqui cidade permanente, estamos à procura da cidade que há de vir'.

Pois bem. Se o futuro a Deus pertence, como diz o ditado popular, cabe a nós, Dom Murilo Krieger, preservar o que resta de presente.

Ouvindo o clamor da mãe natureza, cuidar do hoje para que verdadeiramente possamos entregar amanhã melhor do que encontramos o futuro a todos aqueles que estão entre nós e que possuirão o comando num futuro muito recente e todos aqueles, dona Miralva, os pequenos de ontem que Jesus deixava vir até ele e que nós temos que ter e preservar a mãe-natureza para que possa receber todos aqueles que virão.

Portanto, preservar a natureza é cuidar do que tivemos de presente para possibilitar que o presente de Deus, que é a natureza, seja mais uma vez dado a todos aqueles que virão depois de nós”.

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)



0491-I

Ses. Ord. 07/04/11

Or. Renato Cunha

Campanha da Fraternidade 2011: “Fraternidade e a vida no planeta.”

O Sr. PRESIDENTE (Álvaro Gomes):- Concedo a palavra ao Sr. Renato Cunha, do Grupo Ambientalista Gambá.

Passo a coordenação desta Mesa ao nosso companheiro, deputado Yulo Oiticica, proponente desta sessão.

O Sr. RENATO CUNHA:- Boa-tarde a todos e a todas.

É um prazer estar aqui nesta sessão especial em apoio e fortalecimento à Campanha da Fraternidade da CNBB, a qual eu parabenizo por colocar este tema da vida, do meio ambiente, da questão das mudanças climáticas, um tema tão importante, num momento muito oportuno, que esta discussão se faça em todos os setores da sociedade, e a CNBB, como parte dela, tem este importantíssimo papel.

Em nome do deputado Yulo, que também parabenizo por esta sessão, eu saúdo todos os presentes nesta Mesa e todas as pessoas aqui presentes neste auditório. É muito importante, nesta Casa Legislativa, que possamos discutir estas questões.

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Renato, permita-me interrompê-lo.

Gostaria de convocar para compor a Mesa o Dr. Aldoaldo Fragoso Modesto Chaves, aqui representando o nosso secretário de Justiça, Cidadania e Direitos Humanos, Dr. Almiro Sena, que neste momento se encontra numa ação importante, no Sul da Bahia, exatamente visitando, intermediando conflitos indígenas com fazendeiros.

(Palmas)

O Sr. RENATO CUNHA:- Continuando, eu acho que o deputado Yulo já abordou muito bem no seu discurso várias questões ambientais que estão na ordem do dia, tanto em nível global, em nível do País, do Brasil, quanto em nível local, até da nossa Cidade do Salvador.

Mas é importante, talvez, ressaltar algumas questões que ele mesmo colocou, estas grandes mudanças climáticas, hoje, que o Planeta está sofrendo, está sentindo, haja vista essa



problemática no Japão, que a mídia está acompanhando, também nós todos aqui, sempre bastante preocupados com todas essas questões que afetam as pessoas, que afetam o meio ambiente, afetam a sobrevivência da própria cidadania, com o *tsunami*, com o terremoto e com a questão da radioatividade que também nos preocupa muito, fruto dos problemas que ainda estão ocorrendo, porque não se sabe até quando tudo irá se resolver na Usina Nuclear de Fukushima, no Japão.

Em nível nacional, também, passamos por eventos, não do tipo e da gravidade, talvez, dos que o Japão está sofrendo agora, mas temos problemas de enchentes, de seca, de desmoronamentos de morros, como aconteceu recentemente na Região Serrana do Rio de Janeiro, também, em Santa Catarina, no Paraná, em Alagoas, que recentemente teve uma grande enchente lá, tudo provocado por essas mudanças que, infelizmente, vêm ocorrendo. Tudo isso é fruto da ação humana, muitas vezes, ou até do desrespeito às legislações ambientais, uso do solo, inclusive já foi tratado aqui pelo deputado Yulo, assim como essas mudanças da legislação chamada de Código Florestal, que tem o princípio básico, desde 1965, quando essa lei foi aprovada e sancionada, à época, no Congresso Nacional pela presidência da República, e que não vem sendo cumprida ao longo de toda a sua história, de 1965 para cá. São quase 55 anos de vigência da lei, e ela vem sendo desrespeitada ao longo da sua história.

Por exemplo, na região da Mata Atlântica, pelos dados que se tem, temos hoje somente 7% do que tinha a Mata Atlântica, originalmente no País, que representava quase 15% do território brasileiro, desde o Rio Grande do Sul até o Piauí, passando por todos os Estados costeiros, e mais Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Goiás. Se o Código Florestal tivesse sido cumprido, a gente teria, pelo menos, 20% de reservas florestais, como a gente chama, da reserva florestal que cada propriedade tem que ter e hoje a gente não tem nem isso na mata atlântica. Ainda tem na Amazônia, felizmente, mas existe um processo de desmatamento, por mais que tenha diminuído um pouco por ações governamentais de políticas públicas, mas mesmo assim, isso ainda acontece.

Estão querendo modificar esse código justamente para virar um código mais agrícola do que um código para proteção das florestas da biodiversidade. Aí, chamo a



atenção do nosso deputado Nelson Pelegrino, que esta discussão está na Câmara dos Deputados e hoje mesmo está acontecendo uma grande manifestação com movimentos ambientalistas, movimentos da agricultura familiar, dos movimentos dos sem-terra, fazendo uma reivindicação aos deputados federais, para que não venham a aprovar essas mudanças que estão sendo propostas.

É importante dizer que o código talvez tenha que ser repensado, revisto, mas não a partir do relatório que já foi citado aqui, do deputado Aldo Rebelo, que vem mais prejudicar a proteção da biodiversidade. Na Bahia, também, a gente não escapa de ter problemas. Temos problemas de desmatamento na mata atlântica, na área mais costeira, na área do cerrado, lá no Oeste, na caatinga também, que vem sofrendo desmatamento, sem uma política estadual de proteção desses biomas, desses remanescentes florestais.

Temos o problema de uma fábrica de chumbo em Santo Amaro, que se estabeleceu há anos e até hoje a população local sofre com as consequências dos resíduos de chumbo que ainda existem. A gente tem o problema na região de Caetité, com a exploração de urânio, com a contaminação radioativa da água, fruto da exploração de urânio pela Indústrias Nucleares Brasileiras. Esta semana mesmo tivemos várias reuniões aqui com o movimento chamado Plataforma de Defesa Humana, Social, Ambiental e Econômica. Conversamos com diversos órgãos da área de saúde, da área do meio ambiente, do Ministério Público Federal, do MP estadual, e a gente não vê uma ação efetiva para controlar o problema da radiação que existe lá em Caetité.

Por falar na questão da radiação, ainda se fala, mesmo com essas questões do Japão, dos riscos da energia nuclear, em colocar novas usinas nucleares no Brasil e até no Nordeste, particularmente aqui na Bahia. Então, a gente não pode aceitar que usinas nucleares continuem sendo uma das possibilidades de atender às necessidades de energia. A gente tem outras possibilidades também, já apontadas pelo deputado Yulo, como a anergia eólica, que vem dos ventos, a energia solar, uma revisão da matriz energética brasileira e baiana, hoje, através de fontes renováveis, fontes muito mais limpas e até também outros paradigmas de uso da energia.



Você pode melhorar a potência das usinas hidrelétricas que tem hoje. Nós mesmo, como cidadãos, podemos conservar mais a energia através de políticas objetivas de conservação dessa energia, mudando alguns processos tecnológicos, que são fundamentais. Ou seja, a gente precisa repensar um pouco esse nosso desenvolvimento com novos padrões de consumo, com novos padrões de produção, e salvar a vida do Planeta, como é o tema da Campanha da Fraternidade.

Acho que é fundamental que a gente repense esse modelo que a gente tem, que é um modelo insustentável, do ponto de vista econômico, social, ambiental, que a gente precisa repensar.

A sustentabilidade deve ser uma marca fundamental para as políticas públicas. No ano que vem, a gente vai ter o que está se chamando de Rio Mais 20. São 20 anos da Eco 92, a Conferência das Nações Unidas, também citada pelo deputado Yulo Oiticica, que aconteceu no Rio de Janeiro, em 1992, onde a gente vai ter a oportunidade de repensar ou até analisar esses instrumentos que foram assinados há 19 anos, no ano que vem fará 20 anos e a gente precisa repensar um pouco isso. Uma grande revisão das políticas públicas a nível global, a nível local, a gente, efetivamente, trabalhar com uma agenda, a 21, como foi chamado o documento na Eco 92, para que no século XXI a gente tenha um outro paradigma, outra possibilidade de desenvolvimento e a gente tem que fazer a nossa parte também.

Claro que são importantes as políticas públicas, as políticas que vão dar consequências às nossas ações. Mas a nossa postura frente à questão do lixo, por exemplo: devemos nos preocupar com o nosso lixo, reciclando-o e consumindo menos energia.

A nossa postura é fundamental. Não é suficiente, porque ela não vira política, mas é necessária para que possamos, a partir do exemplo de cada um de nós, de forma individual e de forma coletiva nas associações, nos nossos movimentos, também trabalharmos no sentido da revisão das políticas. Ou seja, temos que pensar um pouco como a vida sobreviverá no planeta. E essa mensagem da igreja, a mensagem que levamos do movimento ambientalista é fundamental.

Para encerrar, fazemos uma proposta aos deputados Yulo e Álvaro Gomes, que estão presentes aqui – não sei se outros deputados estão presentes, pois não os conheço



pessoalmente. Estamos propondo a criação aqui, na Assembleia, de uma Frente Parlamentar Ambientalista como existe na Câmara Federal, que junta os deputados que estão preocupados com essa questão. E nesta Casa não pode deixar de haver deputados que se articulem em prol do meio ambiente, em prol da sustentabilidade. (Palmas)

Então, eu convoco o deputado Yulo e o deputado Álvaro e outros deputados, com os quais já estamos conversando e conversaremos mais, para se criar essa Frente Parlamentar Ambientalista, para, efetivamente, sair daqui políticas que irão defender cada vez mais o meio ambiente, a legislação ambiental e todos os preceitos para que trabalhemos, no âmbito legislativo, por uma proteção ambiental muito mais segura e proativa pensando, justamente, num séc. XXI muito mais harmônico, com possibilidades de renovação da vida.

Muito obrigado pela possibilidade de estar presente aqui.

(Não foi revisto pelo orador.)

**0492-I****Ses. Esp. 07/04/11****Or. Clímaco Dias****Campanha da Fraternidade 2011: “Fraternidade e a vida no planeta.”**

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Muito obrigado, Renato Cunha, você que faz esse trabalho tão importante, com tantos outros companheiros e companheiras, à frente do Gambá.

Quero registrar algumas presenças aqui, como a do padre Ferdinando Caprine; padre Felipe, tão importante à frente da Pastoral Carcerária em nosso Estado; padre Jorge Brito – o senhor ouvirá falar muito dele D. Murilo, porque é um homem extremamente inquieto contra qualquer tipo de injustiça. De vez em quando temos que segurá-lo, porque ele não é fácil; Pastoral da Criança; Pastoral da Pessoa Idosa; Pastoral da Juventude; Paróquia da Santa Mônica; Pastoral Universitária; Paróquia Nossa Senhora da Luz; Paróquia Nossa Senhora de Brotas; Paróquia Santíssima Virgem de Nazaré; Fraternidade Javé Shammá; padre Antônio Oliveira, querido padre da Suburbana. O senhor já viu, não é D. Murilo que essa leiga inquieta aqui quer que registre todos os padres; Paróquia Nossa Senhora da Conceição, de Periperi; padre Carlos André, que faz um trabalho tão importante na Pastoral Universitária; Paróquia Nossa Senhora da Esperança, do STIEP; deputados que passaram, deputados que ainda estão; deputado Coronel Gilberto Santana; Joacy Dourado; Ivana Bastos; Carlos Geilson; Aderbal Fulco Caldas; José de Arimatéia; Reinaldo Braga; Álvaro Gomes; vereador Joseval Rodrigues, que está presente entre nós; Jorge Farias, diretor de Operação da Companhia de Engenharia; Sílvia Meira Costa Santos, vice-prefeita de São Felipe; padre Wellington Lobo; diácono Sóstenes Brito; José Silvino, da Paróquia da Sussuarana; Instituto Daniel Combone; Irmandade Nossa Senhora Auxiliadora; Sindae; Escola Satélite; associações e conselhos de Moradores; padre Edilson Bispo, nosso querido padre aqui, no meio de nós; ACOPAMEC, de Mata Escura; Paróquia São Daniel Combone, de Sussuarana; Paróquia Nossa Senhora das Dores, no Lobato; Paróquia Nossa Senhora Auxiliadora, de Pau da Lima; Paróquia São Cosme e São Damião, da Liberdade; PT, de Coaraci; Helbert Oliva, representante do Secretário Municipal do Trabalho e Assistência



Social e Direitos do Cidadão Emerson Palmeira; Rede de Jovens do Nordeste; Irmã Dini; Irmã Verônica; Paróquia Ceia do Senhor; Rede Campi - Grupo de Mulheres; Frei Rogério Soares da Paróquia Nossa Senhora da Luz, na Pituba; Padre Franco que está aqui. Ao saudar o Padre Franco, quero saudar de modo bem especial todos os padres combonianos e quero parabenizá-lo pelos seus 40 anos de sacerdócio, de serviço ao povo de Deus, completados no dia 1º. (Palmas) Parabéns! Tive que quase divulgar a idade do jovem Padre Franco.

Convido para fazer uso da palavra o Sr. Clímaco Dias, professor de Geografia da UFBA do departamento de Geografia da UFBA e especialista em Urbanização.

Continuarei registrando outras presenças, inclusive da irmãs combonianas de Sussuarana e do Alto do Coqueirinho; do nosso companheiro Helbert, representando Nilton Vasconcelos, Secretário do Trabalho. Muito obrigado pelas presenças.

O Sr. CLÍMACO DIAS:- Boa-tarde a todas e a todos.

Gostaria de agradecer aos organizadores desse importante encontro pelo convite e dizer que me sinto honrado e considero que aqui estou cumprindo uma função social pública na medida em que eu sou professor de uma universidade pública que pesquisa para trazer essa pesquisa para a população.

Eu vou falar de um tema que é objeto de um artigo meu na revista do departamento de Geografia da Universidade Federal de Rondonópolis. É um artigo cujo título é: A Geopolítica do Aquecimento Global.

O que é que eu trato fundamentalmente nesse artigo? Trato da desconstrução de uma ideologia que vem se espalhando de forma muita veloz e, de certa forma, ela fica na nossa cabeça de que aquecimento global é ruim para todo o mundo.

Em tese, o aquecimento global é ruim para todo o mundo, porque a gente pensando numa visão humanista o aquecimento global não traz benefícios para ninguém, mas isso pensando de uma forma humanista. Nem sempre o capitalismo pensa de uma forma humanista. E eu trago aqui e vou ler para vocês a junção de alguns artigos de jornais internacionais que eu coletei, de 2003 até 2007, mostrando a corrida que já existe entre países e corporações para ocuparem posições estratégicas importantes em um mundo aquecido.



(Lê) *“O Canadá, país signatário do protocolo de Kyoto, motivado pelos elevados preços do petróleo no mercado internacional, está explorando petróleo nas suas imensas reservas de areias betuminosas na província de Alberta, em uma área equivalente ao território da Grécia. Procedimento que afasta bastante aquele país do cumprimento das suas metas no Protocolo de Kyoto, pois a emissão de dióxido de carbono, segundo reportagem do Der Spiegel” - olhem bem, Der Spiegel é a maior revista alemã, não estou trabalhando nem com jornais e revistas de esquerda, estou trabalhando com jornais e revistas de centro e alguns até de direita, considerados de direita, estou pegando as declarações desses jornais e dessas revistas - já equivalem a todas as emissões da Dinamarca.*

Na exploração de petróleo em areais betuminosas, para cada barril obtido, consomem-se cinco barris de água. A quantidade de produtos químicos utilizados para separar areia do petróleo é imensa, fazendo com que o lugar seja tomado por um forte odor, que segundo a reportagem se assemelha bastante ao cheiro da urina dos gatos. Cavam-se imensos buracos, mudando-se a configuração do solo de vastas áreas e injetam-se produtos químicos para extrair por sucção as areias mais profundas. No entanto, esse desastre ambiental é justificado pelo elevado preço do barril de petróleo e, principalmente, pela existência de governos e populações hostis aos países centrais, conforme fica bem explicado no fragmento que se segue, extraído da reportagem do Der Spiegel, de 28/06/2006.

E também existem razões políticas para a corrida às areias betuminosas. O governo canadense gosta de lembrar às pessoas que esse petróleo está localizado no território de uma das mais estáveis democracias do mundo, não estando na mão de "petrocratas" como os governantes em Teerã, em Caracas ou em Moscou. Essa mistura viscosa 'alterará a situação política', proclama orgulhosamente o Ministério das Finanças em Ottawa. Os Estados Unidos - o maior consumidor mundial de petróleo - estão, sem dúvida, fascinados com a ideia de terem um fornecedor amigável de petróleo bem ao lado.

O Senado dos Estados Unidos já enviou um grupo de delegados à área na qual se localizam as reservas de areias betuminosas, e o secretário do Tesouro estadunidense também visitou o local. A ideia é que, até 2015, as areias betuminosas representem um



quarto da produção de petróleo da América do Norte. 'Nós dependeremos dos nossos amigos para a segurança energética, e não necessariamente de xeques e traidores de todo o mundo', comemorou o governador do Estado de Montaria”

Estou dando um salto na leitura para respeitar o tempo, porque tem muito mais coisa, então estou saltando para alcançar o tempo.

(Lê) *“O apetite insaciável por petróleo e dinheiro, tanto por parte de governos como por parte de grandes companhias de energia, parece ter encontrado nos efeitos do aquecimento a possibilidade de um grande banquete no acelerado derretimento do gelo do Ártico, como fica claro no trecho da reportagem do jornal Der Spiegel, de 01-04-2006:*

Demarcar o Ártico gelado é um assunto quente no momento para muitos países. Em jogo estão direitos de soberania sobre enormes reservas de recursos naturais, assim como o controle”

Quem está dizendo isso não sou eu, é a revista e o jornal Der Spiegel, o maior da Alemanha.

(Lê) *“(…) das rotas marítimas que até agora estavam bloqueadas pelo gelo. O motivo deste interesse recém despertado é o fato do Ártico estar rapidamente aquecendo.”*

Lembram-se que vimos no *Fantástico* um urso tentando se equilibrar em um pedacinho de gelo? Pois bem, muita gente tem interesse de que aquele urso não tenha nenhum pedacinho de gelo para se equilibrar.

Continuo. *“Em nenhum outro local do planeta tais consequências extensas do aquecimento global têm sido mais observadas. Enquanto biólogos e pesquisadores do clima temem o degelo, o aumento do nível dos mares e a extinção de várias espécies, as empresas de gás e petróleo esperam que o degelo do Ártico lhes permita acesso a vastos novos recursos de energia.”*

Li compassado para as pessoas entenderem muito bem que o aquecimento global interessa a companhias de Petróleo, a companhias de gás, a companhias de navegação, enfim, a grandes corporações do mundo. Então vamos parar de dizer que aquecimento global vai ser ruim para todo mundo. É pior para uns do que para outros; então é fundamental estabelecer muito bem essa diferença.



E há também essa questão da matriz energética de determinados países. Nós brasileiros temos algumas coisas a comemorar, mas é importante registrar que o pré-sal é saudado como alternativa para o desenvolvimento econômico deste País. Então vamos balancear essas coisas, pois o nosso pré-sal é petróleo puro.

“O Canadá e a Dinamarca travam uma disputa pela ilha de Hans, que tem como principal objetivo ocupar posições estratégicas em um Ártico sem gelo. Esta aposta no aquecimento global ofereceria aos países do entorno do círculo polar ártico e grandes empresas, a possibilidade de dispor de 25% das reservas mundiais de petróleo cru, além de minérios como ouro, prata, platina e carvão. E é por isso que as disputas territoriais não se restringem à contenda entre Canada e Dinamarca pelo pedaço de rocha da ilha de Hans, registra-se um conflito entre os Estados Unidos e o Canada em torno da soberania da passagem noroeste do Alaska, que o Canada reivindica a posse e os Estados Unidos defendem que sejam consideradas águas internacionais. Rússia e a Noruega, dois dos oito países do Conselho do Ártico, também vivem em litígio pelos direitos de exploração do mar de Barents e faz o ministro do petróleo da Noruega, Odd Roger Enoksen, declarar em reportagem do La Vanguardia, de 07-02-2007, que ele declara isso 'O Ártico é em parte a solução do problema energético do mundo'.”

Ele fala de um Ártico degelado, derretido; não de um Ártico como o de hoje, com novas tecnologias. Então são países buscando posições em termos do aquecimento global.

“Estes conflitos são extensivos a todos os países do Ártico, mas essa intensa movimentação alcança não só as empresas vinculadas a estes países, mas também registra a presença de várias empresas sediadas em países que não tem territórios no Ártico, que se interessam não só por petróleo e minerais, mas também por novas e lucrativas rotas marítimas capazes de reduzir em até nove dias o tempo gasto nas rotas atuais.”

Qual é a rota? Para as pessoas que não entendem, que não estudam esse assunto, a rota pelo mar da Europa, por exemplo, para a Costa Oeste americana, que tem que descer e fazer a volta por aqui.

Com o degelo do Ártico essa rota vai se transformar em Norte, Norte. Você sai da Europa, chega à Costa Oeste dos Estados Unidos, economizando 9 dias na viagem. Quem



fala isso é: Le Monde, David Spighel, La Vanguardia, não sou eu. Eu apenas estou reproduzindo o que esses maiores jornais desses países trazem em artigos, debates e questionamentos. Eu apenas sou um veículo reprodutor disso. Não tenho condições de dizer isso. Estou dizendo o que eles dizem, e o meu papel de pesquisador é esse aí. Estou cumprindo o meu papel de pesquisador.

(Lê) *“A natureza apropriada pela produção capital ista não consegue equalizar a questão ambiental, pois ela que era una, mas socialmente fragmentada, durante tantos séculos, é agora unificada pela História, em benefício de firmas, estados e classes hegemônicas.”*

Quem disse isso foi meu querido mestre e professor Milton Santos. Ele dizia isso, continua a dizer, porque a memória dele está viva.

Creio que meu tempo terminou, mas fico aqui dizendo muitas outras coisas, por exemplo: Não podemos discutir a questão ambiental do mundo, fecho aqui porque tenho muito mais coisas nesse artigo, nessa direção, mas a China inaugura uma termoeletrica de carvão a cada semana.

Então, não adianta o mundo continuar a discutir a questão ambiental em nível do indivíduo, ou do país, se não há nenhum órgão efetivamente regulador em nível mundial.

A questão da resolução ambiental não é cada país fazer sua parte. Não, não adianta, porque se o Brasil fizer perfeitamente, e a China não a fizer, não temos solução para a questão ambiental mundial. Se o Brasil fizer sua parte toda direitinha, e os Estados Unidos continuarem com o nível do consumo que ele tem, não tem solução para a crise ambiental mundial, e só pode ser discutida a sua solução em um plano mundial.

Muito obrigado a todos, volto a dizer que foi um prazer.

(Não foi revisto pelo orador.)



0493-I

Ses. Esp. 07/03/11

Or. Marcos Antonio

Campanha da Fraternidade 2011: “Fraternidade e a vida no planeta.”

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Muito obrigado, professor Clímaco Dias.

Gostaria de convidar para fazer uso da palavra o professor Marco Antônio Tomasoni, que é professor da UFBA, geógrafo, formado pela Universidade de Santa Catarina, mestre em geoquímica e meio ambiente pela UFBA, doutor pela Universidade Federal de Sergipe.

Gostaria de registrar, antes, a presença da Paróquia Jesus de Nazaré, de Vila Laura; saudar a presença de nosso companheiro Felipe Freitas, da Pastoral da Juventude. Um membro da sociedade civil, presidiu pela primeira vez, um Conselho Estadual de Política Pública e Juventude. parabênzo pela importante gestão e continuidade do seu trabalho à frente desse instrumento da juventude baiana.

Quero registrar também aqui a presença da Sr^a Úrsula Herculano Montes, da Pastoral da Família, que representa, segundo autorização, o padre Arquimedes, padre Gilvan, padre Delúbio, padre Wellington, padre Genivaldo, padre Gonçalo, do Sul da Bahia. Além de Cosme dos Santos, da Pastoral da Criança, nosso companheiro Cosme, que coordena a Pastoral da Criança no Estado da Bahia.

Saudar a presença de Nildete, também, da Pastoral da Criança, ex-deputado Zé dos Santos, aqui presente entre nós. Registrar a presença do Edmundo Kruger, nosso companheiro do Secup, que faz esse trabalho importante na defesa da criança em todo o Estado da Bahia. O ex-deputado Zé do Sertão, registrar.

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Com a palavra o Sr. Marco Antônio.

O Sr. MARCO ANTÔNIO:- Boa-tarde a todos e a todas, estudantes, a Mesa, agradeço, especialmente, o convite do deputado Yulo para fazer parte dessa tão importante, que diria até não mais apenas uma sessão, mas passa a ser um encontro, pelo calibre das pessoas que estão presentes, extremamente importante, porque colocar ideias, debater ideias e colocar posições é algo que nos engrandece muito.



Fiquei, inicialmente, como tema proposto para mim, entre uma exposição técnica, que descartei, e uma exposição dada às palavras que já foram colocadas ou a ênfase que já foi colocada. Resolvi estabelecer uma discussão sobre alguns pontos que considero essenciais nessa discussão sobre a questão ambiental global e sobre como ela tem chegado, efetivamente, até nós.

Acho que isso é algo extremamente importante porque somos, eu diria - perdoe-me a palavra, porque não tem outra neste momento -, atacados de forma bastante perversa por um setor midiático, por uma mídia que nos impele em uma direção de pensamento. É um tipo de pensamento que muitas vezes é contrário aos interesses coletivos, que muitas vezes são tipos de pensamentos que não têm fundamento científico algum.

Gostaria de fazer uma observação, antes de continuar nessa linha, de que esse tema da CNBB, extremamente feliz, porque ele busca desenvolver uma coisa que é muito importante, acho que é um apelo não ao desenvolvimento, mas ao envolvimento global. É o desenvolvimento quando deixamos de nos envolver efetivamente pelas questões humanas e pelas questões éticas com o Planeta, aí falo da Terra, é que a gente criou um vínculo, a gente está se desvinculando, esse tema busca justamente o oposto; é o enlace, é o envolvimento.

Então, é muito feliz essa temática e tenho sempre acompanhado, acho que essa é uma linha de pensamento que muitos ambientalistas, ecologistas procuram desenvolver. Ela é essencial para que a gente possa começar a pensar em destrinchar algumas verdades que nos são ditas. Temos uma série de verdades sendo ditas e vou começar com uma. Tenho me debruçado sobre os documento do IPCC – Painel Intergovernamental de Mudança Climática. Tenho me debruçado sobre alguns aspectos relacionados à questão do ozônio e os clorofluorcarbonos, que foram tratados pelo Protocolo de Montreal que banuiu esse gás, um dos chamados gases do efeito estufa. Através do Protocolo de Montreal, ele foi banido da produção mundial – os clorofluorcarbonos, que eram colocados como chaves no centro de uma discussão que era o ozônio versus CFC.

Bom, para quem não lembra disso, a gente chegava aos supermercados e encontrava, por exemplo, produtos aerossóis que diziam assim: “Não agride a camada de ozônio.” Isso a partir desse protocolo, quando esses gases foram banidos. O que aconteceu?



Havia, naquele momento, uma forte razão para se acreditar que esses gases, que não eram apenas produzidos por uma grande empresa chamada Dupont, mas eram produzidos em larga escala por outros países, a primeira patente técnica, os primeiros tipos de gases que, não é apenas um CFC, são vários, são dezenas de gases CFCs e que têm vários usos. Acreditava-se que esses gases atacavam a camada de ozônio que, por sua vez, era prejudicial porque deixava passar a radiação ultravioleta, o que causaria uma epidemia de melanomas ou câncer de pele.

Feito o protocolo, extinta a produção de CFCs, o ciclo de destruição do ozônio continuou. Um novo gás é colocado no mercado e esse novo gás, hoje, tem uma supremacia de mercado praticamente inteira. O R134, um gás cuja patente industrial é da Ducon.

Hoje, a partir de 2009, a Nasa, que é a agência americana aeroespacial, assume, perfeitamente, que os gases que destruíam a camada de ozônio eram gases naturais, o cloro natural do vulcão ou cloro natural dos oceanos. Para se ter uma ideia, apenas um pequeno vulcão na Antártida chamado Erebus produz, em uma semana de emissão, o que a humanidade inteira produz de cloro em um ano, um único vulcão, cuja emissão é extremamente baixa.

Ora, o que quero dizer com isso? Não quero fazer uma discussão técnica, quero levar vocês à seguinte reflexão: na linha do Professor Clímaco, que me antecedeu, vamos perceber que, nesse momento, todos nós nos envolvemos efetivamente em uma ideia que apareceu para nós como uma ideia de supremacia. A mídia nos deixou entender que seria, eminentemente, a nossa ação, não mais consumindo sprays aerossóis, que salvaria a camada de ozônio.

Pois bem, a camada de ozônio continua lá em um eterno movimento que depende dos ciclos solares, e não adentrarei muito nessa discussão que está aí, continua aí.

Hoje, a partir da Rio 92, a partir da convenção do clima, estabelecemos um grande protocolo internacional que é o protocolo de Kyoto. Esse protocolo tem também algumas questões que são fundamentais, percebermos como o seu efeito e entendimento podem ser colocados de outra forma. Percebam que os países centrais, a exemplo dos Estados Unidos,



consomem, se tratarmos em termos de consumo energético e relacionado a todos os países da Europa, eles consomem praticamente o dobro.

Existem muitas coisas a serem pensadas sobre isso. Acho que, a partir disso, poderíamos desenvolver uma discussão extremamente maior e refletir sobre a culpabilidade que não é individual; há uma necessidade coletiva de trabalho, mas é necessário que tenhamos clara essa questão de que a desigualdade global sobre essas questões do uso e do consumo de, não de recursos naturais, mas do patrimônio ambiental global.

Obrigado. (Palmas!)

(Não foi revisto pelo orador.)



0494-I

Ses. Esp. 07/04/11

Or. Nelson Pelegrino

Campanha da Fraternidade 2011: “Fraternidade e a vida no planeta.”

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Muito obrigado, professor Marco Antônio Tomasoni.

Antes de convidar o nosso Bispo Dom Murilo, passo a palavra ao nosso deputado federal Nelson Pelegrino.

O Sr. NELSON PELEGRINO:- Sr. Presidente desta Sessão, autor do requerimento que convoca essa Sessão Especial para marcar, nesta Casa, o temário da Campanha da Fraternidade deste ano. Lendo o tema, deputado Oiticica, aproveito para parabenizá-lo pela iniciativa.

Yulo sabe que eu, por diversas vezes, durante os 8 anos que estive nesta Casa na condição de deputado estadual, também subi a esta tribuna para marcar o tema da Campanha da Fraternidade. O companheiro Yulo desde que chegou a esta Casa mantém essa tradição que é importante e viva. Dom Murilo, aproveito a oportunidade para saudá-lo: seja bem vindo a nossa Casa, à Casa do Povo, à Assembleia. O senhor que não só é o nosso pastor, mas também representa a nossa Igreja Católica, que, através da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil...

Todos os anos tenho registrado isso, porque assim que cheguei na Câmara Federal não havia o hábito de fazer sessões solenes para marcar o tema da Campanha da Fraternidade. Em 1999 começamos a fazê-lo e este ano, na última segunda-feira, completamos 13 anos fazendo sessões para debater o tema da Campanha da Fraternidade. Sempre que vou à tribuna para falar sobre a Campanha da Fraternidade, para registrar este momento faço questão de salientar o caráter visionário da nossa Igreja quando elege os temas da Campanha da Fraternidade. Alguns desses temas são escolhidos com até 2 anos de antecedência e coincidentemente quando acontece a Campanha da Fraternidade o tema está na candência daquele momento.



Em algumas oportunidades a Campanha da Fraternidade foi realizada de forma ecumênica, não só pela promoção da Igreja Católica, mas também com a participação de igrejas evangélicas e de outras igrejas. Sabemos que a Campanha da Fraternidade tem uma intensidade no período quaresma, que é esse que nos encontramos, que é o período em que fazemos essa reflexão nas nossas comunidades sobre o tema, mas, sem dúvida nenhuma, a Campanha da Fraternidade deve ocorrer o ano inteiro e ser um momento de ver, julgar e agir com o método que nossa Igreja elegeu para que possamos em nossas comunidades desenvolver tema.

Queria cumprimentar também, Dr. Aldo, que representa a Secretaria de Justiça, Clímaco, Marco Antônio, professor Zé Carlos, nosso reitor, Ariselma, que tem uma missão importantíssima que é dar um outro rumo para a nossa juventude da Bahia, Renato, Adilson, todos os padres e freiras aqui presentes, religiosos e leigos. Quero dizer também que a Campanha da Fraternidade este ano nos chama a uma reflexão muito importante acerca da nossa própria existência como seres humanos.

Os ambientalistas, aqueles que estudam o nosso planeta, denunciam que os seres humanos estão consumindo duas vezes e meia a quantidade de recursos naturais que a terra tem condição de repor. Se formos nessa batida, vamos causar, como já estamos causando, graves danos ambientais ao nosso planeta. Danos esses como o próprio aquecimento global, aqui já registrado pelos que me antecederam, a degradação dos nossos rios, a destruição de biomas importantes... Isso poderá, a médio e longo prazo, implicar em alterações climáticas que poderão, inclusive, colocar em risco a própria vida do ser humano neste planeta. Tal risco tem origem no desarranjo climático e ambiental que essas mudanças rapidamente têm operado em nosso planeta.

Portanto, há algum tempo, na Conferência do Rio, *Rio + 10*, nas conferências ambientais, nas conferências que se propõem a discutir essa questão... Como foi dito nas intervenções que nos antecederam, aqui, sabemos que essa discussão sobre a questão do meio ambiente é uma questão de consciência individual e consciência coletiva – tenho certeza disso Renato. Acredito que a palavra de ordem, hoje, é a questão da sustentabilidade. Precisamos adotar um novo paradigma de consumo em nosso planeta, uma nova relação com



a natureza, uma relação de consciência individual, como aqui bem colocou Renato. Precisamos diminuir a água que gastamos no banho, a luz que gastamos, e alterar os nossos hábitos de consumo.

Há uma consciência coletiva de como temos que tratar os nossos biomas, por isso acho muito importante quando esta Assembleia abre as suas portas, assim como a Câmara abriu as suas portas na última segunda-feira, porque o marco normativo de preservação ambiental está sendo discutido, votado e deliberado nas Casas Legislativas. Por esta Casa passarão marcos legislativos e a consciência dos parlamentares, e vários aqui passaram, é muito importante para que haja uma mudança de atitude em relação a esta questão que considero fundamental.

Como meu tempo já se encerra, queria apenas registrar que não é só uma mudança nos marcos da relação de consumo, e essa questão ambiental não é um problema para conscientizarmos que estamos destruindo o Planeta. Seria muito fácil, a consciência de que estamos destruindo o Planeta já existe, o problema é que para mudar o rumo envolve mudanças de paradigmas não só na relação de consumo como também pode mexer em interesses econômicos muito poderosos.

O próprio Renato e Marco Antônio falaram que, quando temos conferências mundiais na área ambiental, os países que mais degradam são os chamados desenvolvidos, que não querem abrir mão da redução das suas atividades industriais, dos seus padrões de consumo e dos paradigmas em que suas sociedades estão organizadas.

É evidente que é uma tarefa importante para nós brasileiros conservarmos a Floresta Amazônica. O discurso, companheiro, aqui registrou que temos tomado atitudes importantes nessa perspectiva. É importante porque boa parte das águas doces do Planeta estão em nosso território, no Rio Amazonas, no Rio São Francisco e outros rios, e temos que fazer a nossa parte. Fazer a nossa parte é importante, mas se os outros países não fizerem as suas não vamos, de fato, conseguir construir a sustentabilidade e o equilíbrio que tanto sonhamos e que tanto é necessário para garantir a própria sobrevivência da espécie humana em nosso Planeta.



Portanto, a Igreja Católica e a CNBB acertam quando pautam este tema e traz ele à baila, porque neste momento este debate está sendo feito mundialmente e em nosso País, e temos que dar a nossa contribuição para construir novos paradigmas e novos parâmetros, ter a responsabilidade de conduzir este debate para uma consciência coletiva de que temos que preservar a nossa natureza, nossos recursos naturais e o nosso Planeta, porque este é dom maior que Deus nos deu, que é o dom da vida, e que possa continuar sendo preservado.

Parabéns a Assembleia, quando abre suas portas, a nossa CNBB, quando elege esse tema e ao deputado Yulo Oiticica, quando mais uma vez, por sua pena, esta Casa abre suas portas para debater o tema da campanha da fraternidade.

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)



0495-I

Ses. Esp. 07/04/11

Or. Dom Murilo Krieger

Campanha da Fraternidade 2011: “Fraternidade e a vida no planeta.”

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Convido o Grupo Javé-Chamá para cantar uma música.

(Apresentação musical.)(Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Quero registrar a presença da deputada Fátima Nunes.

Com a palavra Dom Murilo Krieger.

O Sr. DOM MURILO KRIEGER:- Caro deputado Yulo Oiticica, que é o proponente e que preside esta sessão, Sr. Deputado Federal e coordenador da Bancada baiana na Câmara dos Deputados, Nelson Pelegrino, Magnífico Reitor da Universidade Católica do Salvador, José Carlos de Almeida, Sr^a Diretora da Fundac, Ariselma Pereira, Sr. Professor da UFBA, Marco Antônio Tomasoni, Sr. Professor do Departamento de Geografia da UEBA e especialista em urbanização, Clímaco Dias, Sr. Coordenador do Grupo Ambientalista da Bahia, Renato Cunha; Sr. Coordenador Geral do Sindae, Adilson Bonfim Souza de Aquino; Sr. Aldovandro Fragoso Modesto Chaves, representante do secretário da Justiça, Dr. Almiro Sena, senhoras, senhores:

(Lê) *“Poucas pessoas marcaram tanto a história da humanidade como São Francisco de Assis. Tendo nascido na Itália em 1181 e falecido em 1226, notabilizou-se, entre outras coisas, pela compreensão da importância da natureza em nossa vida. Para ele, a natureza, criada por Deus, além de nos falar do próprio Criador, de sua bondade e sabedoria, nos dá um exemplo de fraternidade, pois está a nosso serviço. Já enfermo, um ano antes de falecer, São Francisco compôs o famoso 'Cântico das Criaturas', também chamado de 'Cântico do Irmão Sol'. Um de seus versos canta: 'Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã, a mãe Terra, que nos sustenta e nos governa, e produz frutos diversos, e coloridas flores e ervas.' Quando este nosso santo compôs o 'Cântico das Criaturas', não se sabia o que era poluição, emissões de gases de efeito estufa, mudanças climáticas, chuvas*



tóxicas, desastres ambientais etc. Essas palavras e expressões que hoje fazem parte de nosso linguajar dão uma ideia de como o mundo mudou. E, nesse campo, mudou para pior. Para nós, não deixa de ser poético ouvir Francisco louvar o Senhor 'pelo irmão Vento, pelo ar ou neblina, ou sereno e de todo o tempo, pelo qual às Tuas criaturas dais sustento'. Enquanto isso, o noticiário da televisão nos apresenta o calor insuportável de algumas cidades brasileiras e a neve que fecha aeroportos de cidades européias; as revistas semanais destacam tanto a seca no sertão nordestino como as geleiras da Patagônia argentina, as quais perdem alguns quilômetros quadrados a cada ano; ora a Imprensa leva para nossos lares o deslizamento de morros de algumas cidades do Estado do Rio de Janeiro, ora nos assusta com o tsunami no Japão. O que está acontecendo com nossa irmã, a mãe Terra?

Ao criar o ser humano, a ordem do Senhor era para que o homem e a mulher submetessem a terra, dominando sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que se movem pelo chão (cf. Gn 1,28), não para que deles usufrísse egoisticamente e os destruísse. Afinal, uma geração deve entregar à outra um planeta melhor, mais saudável e agradável, e não uma terra transformada em deserto, rios sem vida e ambientes poluídos.”

Para que cresça em nós a consciência de nossa responsabilidade perante a mãe Terra e as novas gerações, a Igreja do Brasil escolheu como tema da Campanha da Fraternidade de 2011: “Fraternidade e a Vida no Planeta”, e, como lema: “A criação geme em dores de parto” (Rm 8,22). Com essa Campanha ao longo da Quaresma, “tempo de escuta da Palavra, de oração, de jejum e da prática da caridade como caminho de conversão” (Texto Base - Apresentação):

(Lê) *“A Igreja no Brasil quer 'que todas as pessoas de boa vontade olhem para a natureza e percebam como as mãos humanas estão contribuindo para o fenômeno do aquecimento global e as mudanças climáticas, com sérias ameaças para a vida em geral, e a vida humana em especial, sobretudo a dos mais pobres e vulneráveis' (id.).*

Individualmente, pouco poderemos fazer para reverter a situação atual de nosso planeta. Mas, à medida que as comunidades cristãs, as pessoas de boa vontade e a sociedade se conscientizarem sobre a gravidade do aquecimento global e das mudanças climáticas, e sentirem-se motivadas a participar de debates e ações que visem enfrentar o



problema, na tentativa de preservar as condições de vida no planeta, poderemos ter esperança de que a situação de nosso mundo melhorará. O que está em causa é a própria vida humana. Segundo dados da ONU, já são 50 milhões os 'migrantes do clima' – isto é, pessoas diretamente afetadas pelas mudanças climáticas. É verdade que há muitos problemas da natureza sobre os quais a humanidade não tem poder algum. Pense-se, por exemplo, nos vulcões, nos terremotos e nos tsunamis. Podemos, contudo, impedir muitos efeitos de suas ações, evitando construir casas e cidades em lugares que poderão ser afetados por eles. Por outro lado, muitas mudanças climáticas são fruto, sim, da ação direta do ser humano. Pense-se, por exemplo, no que causamos ao nosso planeta com a derrubada de florestas, com a poluição do ar causada por nossos carros e fábricas, com o lixo que jogamos em nossos mares e rios.

Poderemos fazer nossa a pergunta de Caim, quando Deus lhe perguntou onde estava seu irmão Abel: 'Sou por acaso guarda de meu irmão?' (G 4,9). Também nós poderemos perguntar: 'É minha obrigação preocupar-me com as mudanças climáticas, com o lixo tóxico, com o envenenamento das águas, com a devastação das florestas?' Com tais perguntas, estaremos tentando fugir do problema ou procurando nos convencer de que não temos nada a ver com os problemas atuais. Poderemos, também, ter outra atitude – por exemplo: mobilizar pessoas, comunidades e toda a sociedade para buscar alternativas para a superação dos problemas decorrentes do aquecimento global; propor comportamentos que tenham a vida como referência no relacionamento com o meio ambiente; e denunciar situações e apontar responsabilidades no que diz respeito aos problemas ambientais decorrentes do aquecimento global. Nesse caso, estaremos dando uma notável contribuição para a vinda de um mundo novo – um mundo em que cada irmão se sinta responsável pelos demais irmãos.

Então, com São Francisco de Assis, cantaremos — destaque aqui apenas alguns versos de seu hino:

'Altíssimo, onipotente, bom Senhor,

A ti o louvor, a glória, a honra e toda a benção. (...)

Louvado sejas, ó meu Senhor, com todas as tuas criaturas,



especialmente o meu senhor irmão Sol (...).

*Louvado sejas, ó meu Senhor, pelo irmão vento
e pelo ar, e nuvens, e sereno, e todo o tempo,
por quem dais às tuas criaturas o sustento.*

*Louvado sejas, ó meu Senhor, pela irmã Água,
que é tão útil e humilde, e preciosa e casta.(...)*

*Louvai e bendizei a meu Senhor, e dai-lhe graças
e servi-o com grande humildade...'”*

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)



DL-02

Ses. Esp. 07/04/11

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Muito obrigado, Dom Murilo Krieger.

Mais uma vez temos que agradecer a Deus pela vinda do senhor para assumir a nossa Arquidiocese. O senhor tem dado uma demonstração de que, sem dúvida, materializa muito bem o que pregou Francisco de Assis: a sabedoria e humildade que são fundamentais a um Pastor.

Quero, neste trilha, dizer que iremos terminar esta sessão quebrando o protocolo. O rito é o deputado presidente da sessão concluir com a fala final. Certamente se o presidente estiver ouvindo... (Pausa).

Recebemos uma mensagem escrita, agora, sobre um fato que infelizmente vivemos hoje, sendo mais uma consequência dos tempos, Dom Murilo. Um jovem de pouco mais de 20 anos, num surto, armado, matou 13 pessoas e depois se matou no Rio de Janeiro.

Portanto, antes de finalizar a sessão, faremos um minuto de silêncio, a fim de lembrar àquelas vítimas, assim como, daquele que foi algoz, mas, também, vítima e convocando a todos para construir a paz, para cuidar da natureza, lembrando Francisco de Assis, como o senhor fez muito bem, a fim de cuidar da Mãe Terra e devolver àqueles que virão o que nos foi dado e como o senhor disse, se possível, melhor do que encontramos.

Também iremos homenagear a esses que lamentavelmente se foram. Iremos nos colocar como construtores da paz. Sabemos que a violência não é causa, mas consequência das ações e às vezes da falta de ações, sejam individuais, ou muitas vezes do Estado.

Portanto temos que ser todos construtores de um mundo de paz.

Como dizia, depois que fizermos um minuto de silêncio, não será o deputado que preside esta sessão que irá encerrá-la, Dom Murilo. Peço que o senhor faça uma oração final e que desse de modo especial - perdoem-me um pouco de egoísmo - mas que desse uma bênção especial à bancada dos Srs. Deputados católicos desta Casa, para que eles verdadeiramente honrem os princípios da ética, da moral, dos valores cristãos no exercício do Parlamento e que aqui possam representar todos aqueles que os elegeram - está aqui a



deputada Fátima, também da bancada católica e todos os deputados e deputadas que fazem parte dessa Comissão.

Que esta bênção sirva para que nenhum de nós possa sucumbir, muitas vezes, a essa lógica que move ou que destrói o meio ambiente, como aqui foi colocado pelos nossos professores, que é a lógica do lucro, da ambição dos grandes grupos transnacionais.

Portanto, que isso não mova a nossa ação política. Dessa forma peço que o senhor dê essa bênção. Solicito que todos fiquem de pé e fizéssemos, como disse, um minuto de silêncio, lembrando as pobres vítimas da violência em nosso País e de modo bem especial àqueles que foram assassinados hoje.

(O Plenário faz um minuto de silêncio.)

O Sr. PRESIDENTE (Yulo Oiticica):- Que todos nós possamos fazer ecoar o Sermão da Montanha que nos convoca a sermos bem-aventurados porque temos fome e sede de justiça. Isso é o que deve mover-nos em busca de um mundo melhor, da construção de uma cultura que possa verdadeiramente respeitar o meio ambiente.

O Sr. Murilo Krieger:- Ao dar a bênção e encerrar, penso, em primeiro lugar, nesta Casa, que daqui saiam leis sempre mais justas que favoreçam a maioria do nosso povo. Penso em todas as pessoas afetadas por essas mudanças climáticas e penso particularmente em todas as famílias e em todas as pessoas enlutadas do nosso estado-irmão Rio de Janeiro, para que, do meio e profundidade de sua dor, encontrem coragem para trabalhar pela paz.

Desça sobre todos a bênção do Deus Todo Poderoso, o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Amém. (Palmas)

(Apresentação musical.)